

A VITÓRIA DE CAVACO, DE SÓCRATES E DE MÁRIO SOARES

03-Fev-2011

OpiniÃ£o

Texto de Carlos Vieira e Castro

Nas eleiÃ§Ãµes do passado Domingo, o Ãºnico resultado que superou largamente todas as expectativas foi o de JosÃ© Manuel Coelho que, com um orÃ§amento modestÃ­ssimo, Ã¡ teve uns expressivos 4,5% e conseguiu ficar Ã¡ frente de Cavaco Silva em 3 dos 11 concelhos da Madeira, onde obteve 39,1% (contra 44,01% de Cavaco).Ã¡ Ã¡ Ã¡ Ã¡ Todos os outros resultados eram mais ou menos previsÃ­veis, muito embora eu nÃ£o contasse com uma tÃ¡o significativa transferÃªncia de votos do PS para Fernando Nobre que ficou Ã¡ frente de Alegre em alguns concelhos, como Aveiro, Viseu e Viana do Castelo. Resta agora saber se Nobre, que deu mostras de um ego incontido, resistirÃ¡ ao â€œapelado da selvaâ€ dos partidos que tanto criticou ou se preferirÃ¡ a trincheira da â€œcidadania dos independentesâ€ ,barricando-se atÃ© Ã¡ s prÃ³ximas presidenciais. NÃ£o nos esqueÃ§amos que alguns dos seus mais prÃ³ximos apoiantes desertaram das hostes alegristas por Alegre nÃ£o ter fundado um novo partido. E outros houve que depois de abandonarem Alegre, tambÃ©m cortaram com Nobre por este nÃ£o lhes ter confiado o protagonismo que davam como certo. De uma coisa tenho a certeza: Ã© que MÃ¡rio Soares foi um dos vitoriosos destas eleiÃ§Ãµes, ao ver que o candidato que catapultou para esta contenda o vingou da humilhaÃ§Ã£o sofrida em 2006, quando ficou atrÃ¡s da votaÃ§Ã£o de Alegre.

Ã

Ã Ã Ã Outro dos ganhadores destas presidenciais foi, por estranho que possa parecer, JosÃ© SÃ©crates e a direita do PS. Se alguÃ©m dÃ¡ vida por ter andado distraÃ­do, atente nas palavras de Helena Roseta, ex-PS, agora independente, apoiante de Alegre, que reconheceu que â€œo PS esteve dividido e que houve â€œdirigentes altamente responsÃ¡veis que nunca estiveram com esta candidaturaâ€ . TambÃ©m JÃ¡lio Barbosa, mandatÃ¡rio no distrito de Viseu de Manuel Alegre, militante socialista, disse ao â€œDiÃ¡rio de Viseuâ€ , apÃ³s o apuramento dos resultados, que â€œo PS nÃ£o esteve com Manuel Alegre. NÃ£o esteve com ele durante a campanha, nem no momento da votaÃ§Ã£o. Houve muito preconceito por parte dos socialistas em relaÃ§Ã£o a Manuel Alegre e fiquei com a ideia que houve uma espÃ©cie de ajuste de contasâ€ .

Ã Ã Ã NÃ£o me surpreendi, por isso, quando li no jornal PÃºblico, com destaque de primeira pÃ¡gina, declaraÃ§Ãµes de dirigentes nacionais do PS, nÃ£o identificados, que terÃ¡o dito que estava a ser ensaiado, entre as bases do partido do governo, um discurso de responsabilizaÃ§Ã£o do Bloco de Esquerda pela eventual derrota de Alegre, que segundo eles, teria melhor resultado se nÃ£o fosse apoiado pelo BE. TambÃ©m AntÃ³nio Vitorino, num comentÃ¡rio televisivo, depois dos resultados, disse que â€œhÃ¡ certas plataformas que nÃ£o somam, diminuemâ€ .

Na verdade, em Viseu, como no resto do paÃ­s, Alegre contou com o apoio do Bloco de Esquerda que cedo viu nele a melhor alternativa para derrotar Cavaco e defender o Estado Social dos ataques da direita contra o ServiÃ§o Nacional de SaÃºde para todos, a Escola PÃºblica gratuita e os mais elementares direitos dos trabalhadores, como o conceito de â€œjusta causaâ€ para os despedimentos individuais, que o projecto de revisÃ£o

Constitucional apresentado por Passos Coelho pretendeu eliminar.

Ã Ã Ã JÃ¡ da parte do PS apenas se viu a mobilizaÃ§Ã£o da JS e de meia dÃ©zias de militantes e dirigentes concelhios, como LÃ©cia Silva (da Concelhia de

Viseu), da deputada Helena Rebelo, do presidente da Câmara de Resende e poucos mais. Note-se, aliás, que a Federação Distrital do PS, presidida por João Azevedo, só em 14 de Dezembro é que anunciou a comunicação social a formalização do apoio à candidatura de Manuel Alegre, meio ano depois do início da estrutura de campanha.

Â Â Â

Â Â Â Mas quem clarificou a tática de Sácrates e da direita do PS foi o viseense Correia de Campos, da Comissão Política Nacional e líder da bancada do PS na Assembleia Municipal de Viseu, que surgiu a poucos dias do fim da campanha eleitoral, citado pelo jornal I, a considerar que Alegre já não representava uma alternativa e que a estabilidade política de que o país precisaria só seria garantida por Cavaco.

Â Cavaco Silva foi o primeiro vencedor, mas a perda de 500 mil votos, obtendo a mais baixa votação numa eleição presidencial, não terá sido alheia à forma arrogante como se colocou num pedestal e se recusou a responder às legítimas perguntas dos outros candidatos e dos jornalistas, face às notícias que indiciavam favorecimentos por parte do ex-bando do BPN, seus ex-ministros e ex-secretários de Estado, na venda de acções e na compra da casa da Quinta da Coelha, cuja escritura, segundo a Comissão de Inquirição, Cavaco terá falseado para fugir aos impostos.

Também a abstenção de 53% dos eleitores, mais do que os que votaram em Cavaco (apenas cerca de um quarto do total), é um sinal do desencanto e da desorientação dos portugueses, desiludidos com o Governo e com um Presidente que incentivou o apoio do PSD às medidas de austeridade dos PEC e do Orçamento de Estado. Cavaco ganhou, mas perdeu a mática imagem imaculada. Alegre perdeu porque a sua mensagem de resistência às políticas que fustigam o presente dos portugueses e ensombram o futuro de Portugal não contrastou com a prática dos governos de Sácrates. E porque gastou mais de metade da pré-campanha a falar para dentro do seu partido, com sucessivos apelos para que a máquina se mexesse. Mas já havia demasiados pauzinhos na engrenagem.

Â Â Â

Carlos Vieira e Castro